

RESUMO: A teoria bakhtiniana dos gêneros do discurso tem contribuído para promover, desde as últimas décadas, debates produtivos a respeito de um tema que permanece vivo na lingüística: a relação entre língua e discurso. Pesquisas voltadas para a epistemologia dos gêneros observam que esses dispositivos funcionam menos como estruturas estanques do que como rotinas sociais de linguagem, com base em sua funcionalidade. A transgressão de gêneros jornalísticos mais ou menos estáveis é ilustrativa dessa abordagem que privilegia o caráter dinâmico da linguagem.

RÉSUMÉ: La théorie bakhtinienne des genres du discours a contribué, depuis quelques décennies, à promouvoir des débats productifs autour d'un thème toujours d'actualité dans la linguistique: le rapport entre langue et discours. Des recherches centrées sur l'épistémologie des genres se rendent compte que ces dispositifs fonctionnent plutôt comme des routines sociales de langage, à partir de leur situationnalité. La transgression de genres journalistiques plus ou moins stables témoigne de cette approche fondée sur le caractère dynamique du langage.

1. Introdução

Um tema de atualidade nos estudos sobre a linguagem, os gêneros do discurso se apresentam como uma possibilidade de articulação entre a língua, sistema, e o discurso, entendido como a atualização da língua num dado contexto enunciativo. Bakhtin (2003), precursor da teoria dos gêneros na abordagem mais propriamente lingüística da comunicação verbal, concebe esses dispositivos como “enunciados relativamente estáveis”, caracterizados por um tema, estilo e composição próprios. Para o autor, o que permite identificar o modo como nos comunicamos é a articulação entre esses componentes mais lingüísticos e, portanto, “relativamente estáveis”, e a esfera de atividade humana à qual o gênero está associado.

O interesse crescente pelo tema a partir do final do século XX e, especialmente, na contemporaneidade, vem acompanhado de algumas questões legítimas que alguns pesquisadores se colocaram em sua empresa de descrição dos gêneros do discurso. Mencionaremos aqui alguns desses problemas.

- a) Uma tipologização dos gêneros daria conta de todos os gêneros existentes e também dos que estão para surgir?
- b) Que interesse a tipologização traria para a lingüística em sua busca por cientificidade senão a de classificar atividades languageiras? Isso não levaria de certo modo a estagnar o conceito, criando uma gramática dos gêneros?
- c) Seria realmente possível tipologizar os gêneros do discurso, tendo em vista sua dinamicidade?
- d) Que critérios norteariam as tipologizações?

Nos últimos anos, as pesquisas sobre os gêneros têm buscado responder a essas e outras questões. Eles passaram inclusive a constituir uma importante ferramenta para as análises lingüísticas em variadas correntes teóricas, sob diferentes óticas: semiótica, análise do discurso, lingüística textual, interacionismo sócio-discursivo. O pressuposto comum a essas abordagens é conhecido: o sistema de signos da língua só adquire sentido quando atrelado a uma situação de produção bem definida. Para Maingueneau (1998), trata-se das condições de êxito a que os gêneros estão submetidos: uma finalidade reconhecida, o estatuto dos parceiros legítimos, o lugar e o momento legítimos da produção, o suporte material e a organização textual.

O que pretendemos abordar nesse artigo é justamente a determinância dos fatores discursivos da produção sobre a textualidade em qualquer tentativa de tipologização ou de definição dos gêneros do

* Endereço eletrônico: alinesch@hotmail.com

discurso. No artigo “Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação”, Marcuschi (2006) fala em “fronteiras fluidas dos gêneros” para se referir à dificuldade de se recuperar os elementos estáveis dos gêneros a cada nova enunciação. Ele diz que:

[...] as teorias do gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como seu componente crucial, a linguagem. Pois assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural. (Marcuschi, 2006: 24)

Percebe-se, por essa citação, que uma abordagem voltada para a funcionalidade do gênero (sua enunciação e circulação) se sobrepõe a uma visão formalista (elementos lingüísticos reiteráveis). O questionamento sobre os gêneros retorna, assim, a seu ponto de partida no capítulo “Os gêneros do discurso”, em que Bakhtin (2003) evoca o comprometimento que todo lingüista deve ter para com a questão da natureza heterogênea das manifestações de linguagem. O que chamamos de transgressão de gêneros discursivos é ilustrativo dessa abordagem ao mesmo tempo funcional, enunciativa e sócio-cultural.

2. A transgressão de gêneros na imprensa

Nos gêneros que oferecem uma maior liberdade criativa, como os gêneros orais familiares (segundo Bakhtin) e, no registro escrito, as publicidades e os textos de imprensa, a transgressão é um recurso que se faz cada vez mais presente. Funcionando como uma estratégia a fins variados, a transgressão revela que a suposta estabilidade dos gêneros é constantemente ameaçada pela intrusão de gêneros pertencentes a outras esferas de sentido. Daí a dificuldade de se operar uma classificação de gêneros.

É, portanto, na perspectiva de uma desestabilização dos gêneros mais ou menos instituídos na sociedade que falamos em transgressão. No entanto, os modos de alteração atuam de modo distinto e difuso. Em virtude da heterogeneidade de critérios, analisaremos o caso específico da transgressão dos gêneros jornalísticos por imitação do hiper-gênero epistolar.

Caracterizados pela finalidade comunicativa de “troca de correspondência”, a carta familiar, a carta formal e o e-mail migram do contexto enunciativo de um diálogo entre dois participantes, no suporte impresso e eletrônico, e são enunciados no lugar e momento legítimos de artigos de opinião e crônicas.¹ Analisaremos brevemente cada caso, procurando detectar os efeitos de sentido criados pela alteração.

No primeiro caso, o artigo de opinião assinado por Elio Gaspari é publicado sob a forma de e-mail. Tem-se, assim, à primeira vista, um e-mail e não um artigo de opinião. Uma análise mais fina nos permite verificar que o jornalista busca criar um efeito de ilusão pela leitura de um texto assinado por Tancredo Neves, ex-presidente falecido. Ao optar pela troca de um gênero pelo outro, ambos pertencentes a esferas de circulação distintas, o jornalista convida o leitor a participar do jogo que consiste em decifrar na estratégia de imitação o verdadeiro objeto de sua crítica. A quebra de expectativa provocada pela enunciação do gênero *e-mail* não impede, todavia, que o leitor o leia como um artigo de opinião, uma vez que as condições de produção do gênero imitante encontram-se entre suas práticas de linguagem rotineiras.

Na crônica de Fernanda Young, temos uma carta endereçada à cantora americana Madonna. Uma carta que a cantora provavelmente nunca lerá, mas que será lida pelas leitoras de Cláudia. Fernanda, antiga fã, manifesta sua decepção perante o atual comportamento da cantora na mídia, muito diferente da postura irreverente que, nos anos 80 e 90, inspirou mulheres no mundo todo. Ao endereçar uma carta à popstar, Fernanda Young torna-se porta-voz do público feminino, leitor de Cláudia, que, tal como ela, está hoje descontente com a postura conservadora recentemente assumida pela artista. Novamente é criada a ilusão de uma cena enunciativa que nunca aconteceu.

No artigo “Senhor Presidente”, João Mellão se dirige a Lula. Aparentemente, aproveita o espaço do jornal como um canal de comunicação com o presidente, para desabafar, mostrar os descontentamentos com seu governo e até mesmo dar conselhos. Mas, na realidade, tais propósitos comunicativos camuflam a crítica de Mellão ao presidente Lula, pois a situação de produção envolve leitores do Estado de S. Paulo, um veículo reconhecido de formação de opinião no país.

Na seção “Cartas da Europa”, João Pereira Coutinho, jornalista português, simula a troca de correspondência com um amigo para escrever a crônica semanal veiculada pela Folha de S. Paulo, em que

¹ Ver textos em anexo.

tece comentários sobre assuntos atuais. Nesse caso, sobre cinema. O efeito de sentido criado nesse caso de transgressão é a atmosfera da viagem, que se explica pela distância do autor (português) em relação a seu público (brasileiro).

O que se observa globalmente nesses exemplos de transgressão genérica é que eles se travestem de gêneros oriundos de outra esfera de sentido (epistolar) para criar efeitos de sentido variados que culminam, invariavelmente, na crítica (política, comportamental, artística). Isso é obtido por meio da sobreposição de planos enunciativos, como podemos observar no esquema a seguir.

PLANO ENUNCIATIVO 1 (*imprensa*)

Jornalista / Leitor

Elio Gaspari ➡ Leitor FSP
Fernanda Young ➡ Leitora Claudia
João Mellão ➡ Leitor OESP
João Coutinho ➡ Leitor FSP

PLANO ENUNCIATIVO 2 (*correspondência*)

Remetente / Destinatário

Tancredo Neves ➡ Lula
Fernanda Young ➡ Madonna
João Mellão ➡ Lula
João Coutinho ➡ Amigo

É preciso se perguntar, então, de que modo repercute a transgressão no pólo receptor, ou seja, como (e se) o leitor compreende a estratégia visada pelo jornalista. Num primeiro momento, é possível afirmar que a sobreposição de planos enunciativos distintos não anula a finalidade reconhecida do gênero lido, ou seja, do artigo ou da crônica porque o leitor se encontra na esfera de atividade da imprensa, tem hábitos de leitura pré-estabelecidos, e, portanto, está apto a interagir com a cena genérica proposta. Contando com essa competência do leitor para ler textos de imprensa, os jornalistas o convidam a “entrar no jogo”, a aceitar o desafio do inesperado, que consiste em fazer crer que tais diálogos aconteceram. Para um leitor habituado, a estratégia de troca do gênero jornalístico mais ou menos estabilizado pelo gênero epistolar, igualmente conhecido dos leitores, provoca um efeito de surpresa que se prolonga na crítica, na diversão, no riso. É nesse sentido que se pode falar em gêneros como “rotinas sociais”.

3. Conclusão

No âmbito de uma reflexão epistemológica sobre os gêneros do discurso, a estratégia da transgressão nos levaria a questionar a própria identidade dos gêneros e o problema de seu reconhecimento que, como se pode ver, não passa pela forma mas pelo contexto enunciativo, em resumo, pela construção do sentido.

A transgressão de gêneros jornalísticos mais ou menos estabilizados, como o artigo de opinião e a crônica semanal, por imitação de gêneros epistolares, como a carta e o e-mail, são úteis para se entender a plasticidade (Marcuschi, 2006) dos gêneros do discurso, numa perspectiva de tipologização. Por esse motivo, seria mais apropriado falar-se em gêneros no quadro de uma “gramática social” ou “gramática da enunciação”, como diria Marcuschi (2006).

Desde que não concebamos os gêneros como **modelos estanques** nem como **estruturas rígidas**, mas como **formas culturais e cognitivas de ação social** corporificadas de modo particular na linguagem, temos de ver os gêneros como entidades dinâmicas. (Marcuschi, 2006: 24)

Avançando tais reflexões para o contexto de uma transposição dos gêneros para a didática das línguas (materna e estrangeira), observa-se que o ensino dos gêneros de maior circulação social, relativamente estáveis, não é capaz de dar conta da dinamicidade inerente à atividade de linguagem. Se, tal como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino do português no Brasil, é necessário ensinar gêneros textuais, e não textos, visto que todo texto pertence a um gênero, o problema da plasticidade dos gêneros apresenta-se como um verdadeiro desafio.

4. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MAINGUENEAU, D. *Lire les textes de communication*. Paris: Dunod, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: *Gêneros textuais: Reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.